

A Linguagem do Paraíso: Cultura, Consciência e o Retorno ao Essencial

Por Julio Peres, PhD

A investigação científica da linguagem percorreu trajetórias marcantes ao longo do século XX. Lev Vygotsky evidenciou o papel mediador da fala na formação das funções psicológicas superiores. Alexander Luria aprofundou essa compreensão ao demonstrar, em bases neuropsicológicas, como a linguagem reorganiza a arquitetura mental. Posteriormente, Noam Chomsky propôs a hipótese de estruturas formais universais subjacentes às línguas humanas, postulando a ideia de Gramática Universal. Mais recentemente, a linguagem tem sido examinada também em protocolos de neuroimagem funcional, inclusive nos estudos que conduzimos, como instrumento de significação e ressignificação de traumas psicológicos.

Em “poucas palavras”, a linguagem pode ser compreendida como um sistema simbólico organizado que possibilita representar, estruturar e partilhar experiências por meio de signos convencionados. Suas expressões integram nuances prosódicas (elementos melódicos e rítmicos da fala), e vão muito além da forma verbal, como linguagens matemáticas, corporais, artísticas, entre tantas outras. Há ainda a linguagem subjetiva, o diálogo intrapsíquico que organiza pensamento, memória e identidade. A função essencial das linguagens é mediar a relação entre o mundo interno da experiência subjetiva e o mundo externo compartilhado. Importa reconhecer que a linguagem não constitui atributo exclusivo da espécie humana. Diversos seres vivos manifestam sistemas de comunicação intraespécie e interespécies, por sinais sonoros, químicos, visuais ou comportamentais, que organizam vínculos, alertas, cooperação e sobrevivência.

Foi sob esse olhar clínico, investigativo e existencial que me impressionou a trajetória do linguista Daniel Everett entre os Pirahã, no coração da Amazônia. Everett chegou à floresta com a esposa e três filhos como missionário cristão. Seu propósito era aprender o idioma local para traduzir a Bíblia e promover a conversão dessa comunidade indígena. Os Pirahã, contudo, preservaram sua consistência cultural, apesar de repetidas tentativas de conversão.

Everett encontrou ali um modo de habitar o mundo cuja inteireza tornava desnecessárias certas elaborações e complexidades gramaticais que, para nós, parecem indispensáveis. Ao estudar o idioma, deparou-se com o que batizou de “linguagem do paraíso”, enraizada no presente, orientada pelo aqui e agora, sem tempos verbais de passado ou de futuro. Um sistema linguístico sem números formais, sem divisão em unidades. Em vez de “oito peixes”, diz-se “grupo de peixes”. A percepção se organiza de modo holístico, sem fracionamento em partes, valorizando o conjunto sobre as unidades. A comunicação Pirahã ainda se revela em sutis vocalizações e assobios que, à primeira escuta, parecem idênticos, mas não são. Microvariações de volume, altura e timbre expressam mensagens precisas e diferenciadas, tal como grande parte das aves canoras se comunica. A possibilidade de assobiar sentenças inteiras revela uma adaptação ecológica da linguagem ao ambiente. Destaca-se também que o Pirahã não apresenta “recursão sintática” (inserção de frases dentro de frases), elemento até então considerado central por correntes dominantes da linguística. Novamente, assim como em outros âmbitos, os estudos das línguas indígenas ampliam o horizonte epistemológico ao desafiar pressupostos tidos como universais. Quando modelos teóricos se deparam com exceções empíricas oriundas da realidade observável, a ciência é convidada à revisão de seus paradigmas, e não à negação dos fatos.

Como todos sabemos, as diferentes linguagens humanas espelham modos de existir, e a jornada de Everett atravessou também o plano pessoal. O aprendizado do novo idioma, em convívio direto, levou-o a uma inflexão ética sobre sua atuação missionária, da qual abdicou por reconhecê-la como uma expressão violenta de colonização. Essa história nos toca porque fala de coerência entre linguagem e realidade. Nas sociedades urbanas contemporâneas, muitas pessoas vivem em ritmo vertiginoso, multiplicam camadas de abstração, projetam percepções distorcidas em processos, por vezes, dissociativos, ruminam o passado e, com frequência, se afastam da experiência direta do real. Quando linguagem e realidade se dissociam, o indivíduo também fragmenta. A fala complexifica sem traduzir a verdade, abrindo vulnerabilidades na saúde mental.

Simplificar aproxima palavra e experiência, alinha o que se sente ao que se diz, e fortalece a coerência em decorrente equilíbrio saudável. Salta aos olhos como muitas práticas contemporâneas voltadas à prevenção e ao tratamento de adoecimentos das sociedades urbanas convergem para algo que os Pirahã vivem espontaneamente, a presença. Relaxamentos guiados, técnicas respiratórias e práticas de mindfulness ensinam a desacelerar a ruminação e habitar o aqui e agora, preferencialmente em conexão com a natureza. Em associação, a psicoeducação voltada ao cultivo de vínculos saudáveis e de pertencimento contribui significativamente para a promoção do bem-estar.

Enfim, a “linguagem do paraíso” nos inspira a uma consciência a ser cultivada diariamente, até se tornar um hábito saudável e espontâneo: simplifique e viva presente.

Referências Bibliográficas:

Chomsky N. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, MA: MIT Press; 1965.

Everett DL. Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã: another look at the design features of human language. *Current Anthropology*. 2005;46(4):621-646.

Luria AR. The Role of Speech in the Regulation of Normal and Abnormal Behavior. Oxford: Pergamon Press; 1961.

Peres JFP, et al. Police officers under attack: resilience implications of an fMRI study. *Journal of Psychiatric Research*. 2011;45(6):727-734.

Vygotsky LS. Thought and Language. Cambridge, MA: MIT Press; 1962. (Original work published 1934).

The grammar of happiness documentary.
Directed by O'Neil M, Wood R.
Sydney: Essential Media and Entertainment; 2012.

